

Documentação
 CB
 18/1/98 Pg 1,8 e 9
 202

Jorge Cardoso



A GRANDE CHANCE
 Banda de Sobradinho ganha o Brasil tocando com o U2

DOIS, CAPA



HORA DA ESTRELA
 Cristiana Oliveira chega a levar cantada de mulher

CORREIO DA TV, PÁGINA 4

CLASSIFICADOS	
Total:	15.899
Imóveis:	8.606
Veículos:	3.065
Empregos:	813
Diversos:	3.415

ÚLTIMA FRONTEIRA
 Fidel Castro se rende aos encantos de João Paulo II

PÁGINAS 2 E 3

CORREIO BRAZILIENSE

ÓRGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS. LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

Número 12.693

Brasília, Distrito Federal, domingo, 18 de janeiro de 1998

EXEMPLAR DE ASSINANTE

Preço: R\$ 2,00



CARA OU COROA?

A partir de julho, começam a circular as novas moedas brasileiras. As eleitas serão escolhidas numa pesquisa que o Banco Central vai fazer em todo o país.

PÁGINA 17

Claudio Versiani



MUNDO DA LUA

O que parecia impossível está perto de acontecer: o homem vai morar na lua, construindo uma base de colonização por lá.

PÁGINA 7



TRÂNSITO

Saiba quais são as infrações mais frequentes cometidas em Brasília e os valores das multas que serão cobradas a partir do dia 23.

CIDADES, PÁGINAS 4 E 5

Cristina Bodauva



A ARTE DE ESCREVER

João Cabral de Melo Neto (foto) é o 19º escritor entrevistado pelo Correio. O poeta de Morte e Vida Severina não acredita em inspiração. "O ato de criar para mim é intelectual", diz ele.

PENSAR, ENCARTE DO DOIS

ATENDIMENTO

Internet:
<http://www.correioweb.com.br>
 CLASSIFICADOS: AO LEITOR:
 342-1000 342-1166
 AO ASSINANTE
 342-1111
assinante@cbdata.com.br

COTAÇÕES

DÓLAR	
Comercial:	R\$ 1.1197 (compra) R\$ 1.1205 (venda)
Paralelo:	R\$ 1.2315 (compra) R\$ 1.2335 (venda)
Turismo:	R\$ 1.1080 (compra) R\$ 1.1700 (venda)
Poupança	1,5399% (dia 18)
TBF	2,1625% (dia 15)
Ufir	R\$ 0,9611

Raimundo Paccó



BERÇO DO PAÍS AGORA É FAVELA

Coroa Vermelha, em Santa Cruz de Cabralia, onde Pedro Álvares Cabral desembarcou em 22 de abril de 1500, descobrindo um Brasil de 8.547.403,5 quilômetros quadrados de terras virgens e lindas, é hoje uma grande favela. Não tem casas, só barracos. Não há água encanada e nem esgotos. É uma reserva indígena castigada pela fome, pela pobreza e pela verminose — infecção que dá aos meninos do lugar (foto) uma barriga doentia. O Correio redescobriu Santa Cruz de Cabralia para inaugurar uma série especial de reportagens que publicará até o ano 2000. Um retrato dos 500 anos do Brasil nas cidades e regiões que fizeram a nossa história.

PÁGINAS 8 E 9

Dinheiro do governo em hospital particular

Os acordos firmados pela Fundação Hospitalar com hospitais particulares de Brasília, para atender pacientes da rede pública, são irregulares. O Hospital Santa Lúcia, por exemplo, recebe mensalmente R\$ 80 mil por serviços de eletrofisiologia cardíaca. Não pode, é ilegal, e a Promotoria de Justiça da Defesa da Saúde promete acabar com isso. Em Porto Alegre, o Hospital das Clínicas recebe do governo federal mais dinheiro do que os seis hospitais da rede Sara Kubitschek. Detalhe: até 1996, era dirigido pelo atual ministro da Saúde, Carlos Albuquerque.

PÁGINA 10 E CIDADES, CAPA

Riscos e mudanças da mulher na menopausa

Começa depois dos 35 anos. A pele perde o viço, os seios ficam flácidos, pinta uma barriguinha, aparecem varizes e celulite. A mulher se irrita com qualquer coisa e um cansaço estranho, estressante, toma conta dela — que sente mais calor e passa a suar até em dias frios. É a menopausa, primeiro sinal da velhice. Chamada de climatério, que é o fim do período reprodutor, nenhuma mulher escapa dessa mudança. Saiba como ela se processa, quais os riscos e o tratamento adequado para essa fase da vida, e conheça as opiniões de quem chegou lá.

PÁGINAS 12 E 13

Camdessus, o poderoso xerife da economia

Na Ásia, na Europa, em qualquer uma das Américas e até nos Estados Unidos: onde há uma crise, lá está ele. Michel Camdessus, diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), francês de 64 anos e seis filhos, é o algar e o salvador dos países em crise. O dono do mundo, como dizem alguns. Só este ano, já impediu a quebra da Coreia, da Tailândia e da Indonésia com empréstimos emergenciais de bilhões de dólares. E pode ser a tábua de salvação do Brasil, se a crise financeira se agravar, admite o economista Paulo Nogueira Batista.

PÁGINAS 18 E 20

CB
18/1/98 8 cont
202

PÁGINA 10: Ministros acusados de privilegiar o HC de Porto Alegre. / PÁGINA 11: Servidores da FNS se recusam a atender os ianomamis na selva. / PÁGINAS 12 e 13: Chegada da menopausa marca o início da maturidade entre as mulheres. / PÁGINA 14: Mãe de bebê raptado pode perder a guarda da criança. / PÁGINA 16: Família abre guerra contra fumantes.

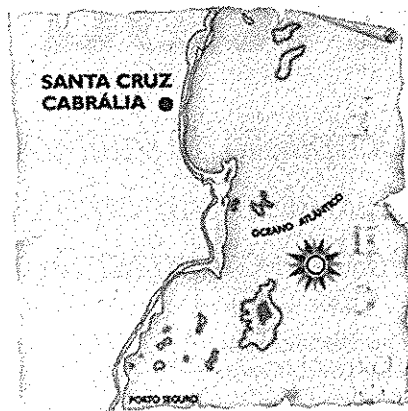
BRASIL

8 Brasília, domingo, 18 de janeiro de 1998

CORREIO BRASILENSE

EDITOR: Kido Guerra. SUBEDITORES: Renato Ferraz, Antonio Vital e Luiz Alberto Weber. TELEFONE: (061) 342-1174/1172. FAX: (061) 342-1155. E-mail: brasil@cbdata.com.br

ONDE TUDO COMEÇOU



“Terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando distantes da dita ilha, segundo diziam os pilotos, obra de 660 ou 670 léguas... E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves que chamam fura-buxos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, havemos vista de terra”

Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral

Ana Beatriz Magno e Raimundo Paccó (fotos)
Da equipe do Correio

São quase 500 anos de um Brasil tão desconhecido quanto imenso. A terra que Pedro Álvares Cabral encontrou na quarta-feira, 22 de abril de 1.500, virou o maior país da América Latina, mas ainda é, para muitos, uma

nação de três cidades: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Juntas, elas ocupam menos de 1% dos 8.547.403,5 km2 do território e a maior parte do noticiário dos grandes jornais e televisões. E os outros Brasis desconhecidos? Para mostrá-los, o Correio Brasileiro passa a publicar a partir de hoje uma série de reportagens especiais que se estenderá até

abril de 2.000. Revisitaremos lugares históricos, cidades que já foram importantes, regiões onde se desenvolveram os grandes ciclos da história nacional. Mostraremos o presente de todos esses passados. O primeiro capítulo se passa em Santa Cruz de Cabralia, na Bahia, onde a esquadra de Cabral desembarcou há quase 500 anos.



Os índios que impressionaram Pero Vaz de Caminha pela generosidade hoje são outros. Em vez dos tupiniquins, os pataxós. A expedição que esperam é a de turistas, a quem vendem seus ornamentos.

S. CRUZ DE CABRÁLIA

É difícil nascer na cidade onde o Brasil nasceu. Em Santa Cruz Cabralia não há maternidade e muito menos obstetra. Pior ainda é morrer por lá. Não existe funerária, tampouco hospital. Funciona um único posto de saúde, sem remédios e com apenas um médico — é também o secretário municipal de saúde. Seu gabinete é uma mesa de jantar com uma cadeira bamba.

“Quando alguém está perto da morte, botamos na ambulância e ela vai morrer em outro lugar”, diz, com cruzeza, o médico Messias Ferreira Guimarães, 41 anos, formado em São Paulo e apaixonado por Cabralia.

Nem padre tem moradia fixa na cidade onde foi rezada a primeira missa brasileira, em 26 de abril de 1500, num pequeno ilhéu que ganhou o nome de Coroa Vermelha.

A terra no sul da Bahia onde os portugueses aportaram depois de 44 dias cruzando o Atlântico em dez naus e três caravelas é um lugar esquecido pelos livros de História, desprezado pelo turismo e marcado pela sombra de Porto Seguro, o badalado balneário, distante 22 quilômetros dali.

“Porto está nos roubando tudo. Dinheiro, infra-estrutura e história”, lamenta Paulo Oliveira Salvatori, outro paulista, ex-piloto da Aeronáutica que trocou a paulicéia pelo pacato lugarejo baiano. Montou um restaurante na beira da praia, ao lado da foz do Rio Mutari, o mesmo que, em 1500, serviu para abastecer as naus portuguesas.

É um ponto turístico, com placa grande de madeira, feita pelo próprio Paulo, mas não atrai muitos visitantes. “O turista chega em Porto Seguro com pacote fechado pelas grandes agências de viagem. Não vem a Cabralia, a não ser para pegar um barco e conhecer os recifes de corais no alto mar. Afinal, nosso

mar é melhor que o de Porto”, compara o ex-piloto, casado com Denise, grávida de oito meses.

RUAS VAZIAS E PREÇOS ALTOS

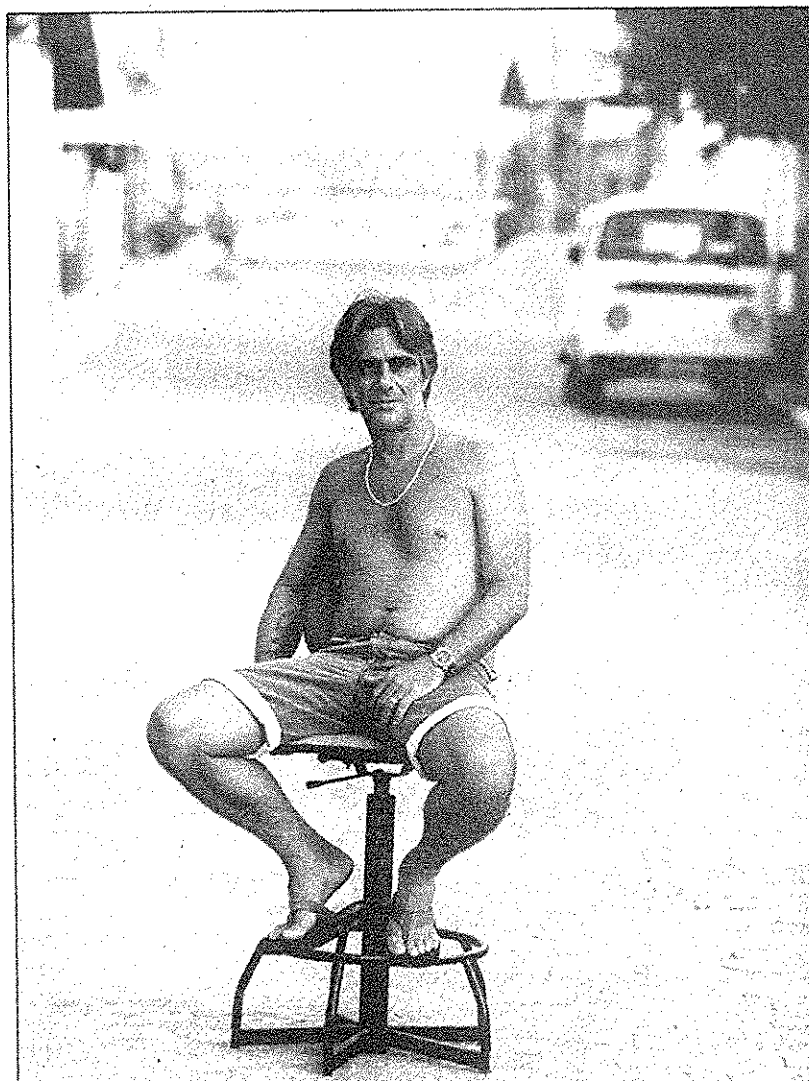
Cabralia é quatro vezes menor do que Porto. Tem 25 mil habitantes, contra quase cem mil no município vizinho - no verão, dez vezes mais gente. De dezembro a fevereiro, Porto é o paraíso dos turistas. A cidade vira uma mistura de shopping, boite e praia. Cabralia é um lugar de ruas vazias e preços altos.

Um pacote de fraldas Johnson, por exemplo, custa R\$ 9,62 no principal supermercado de Cabralia. Em Porto, o mesmo produto não sai por mais de R\$ 7,50. “A concorrência é desleal, eles compram muito mais do que nós”, reconhece Jefferson Brito, gerente do mercado.

“Hoje, aqui só vale a pena para quem quer isolamento completo e tem dinheiro no bolso”, diz Ivana Benfica, funcionária dos Correios cabralienses, onde chegam apenas mil cartas por mês. “Quem é que vai escrever para esse fim de mundo quente e quem aqui vai ter ânimo para escrever carta?”

Pero Vaz de Caminha teve. Escriba da expedição de Cabral, ele é o autor da certidão de nascimento do Brasil, um precioso documento que relata o dia-a-dia do descobrimento. Eis as palavras de Caminha sobre Cabralia: “terra em si de muitos bons ares, frescos e temperados ..., as águas são muitas, infinitas e em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-á nela tudo”.

Ou a profecia era mixuruca ou não se quis aproveitar. O fato é que pouca coisa vai bem na cidade, cuja arrecadação fiscal é de R\$ 150 mil mensais. Os custos só com a educa-



Rangel, o new hippie: quanto menos badalação, melhor para o lugar

ção totalizam R\$ 100 mil. Resultado: no ano passado os funcionários da prefeitura ficaram dois meses sem receber salários.

SEM BORDÉIS E SEM MEMÓRIA

Quando aportou em Pindorama — era assim que os índios tupini-

quins, anfitriões dos portugueses, depois eliminados por eles, chamavam o Brasil — a esquadra de Cabral tinha 1.200 homens e nenhuma mulher. Os navegadores ficaram encantados com as índias. “mui gentis”, nas palavras de Caminha. As mulheres da pequena Cabralia seguem bonitas, um pouco índias, parte mulatas, sempre baianas. Curioso é que na cidade não há bordel. Em Porto, tem.

“Aqui é um outro mundo”, elogia Raimundo Rangel, o Rai, um carioca que mora em Cabralia há duas décadas e adora a pasmaceira do lugar. É das raras pessoas que não se incomoda com a sombra de Porto Seguro. “Quanto mais badalação tiver lá, mais sossego teremos”, diz o moço, uma espécie de “new-hippie” que tem um programa numa das duas rádios da cidade.

“O problema não é e badalação. É que um pedaço da História está sendo alterado, mentido”, desabafo Sidrac Carvalho, historiador e professor em Cabralia.

O desabafo tem razão de ser. Enquanto a imensa maioria dos historiadores dá como certo o desembarque dos portugueses em território hoje correspondente à Cabralia, Porto Seguro leva — e faz tudo para isso — todos os louros do descobrimento.

O marco da chegada dos portugueses - um pedaço de mármore encontrado na década de 70 num açougue, servindo para bater carne — está no centro histórico de Porto Seguro. Na praça das Pitangueiras, no centro de Porto, chegou a ser erguida uma cruz, marcando ali o suposto local da primeira missa, e não em Coroa Vermelha.

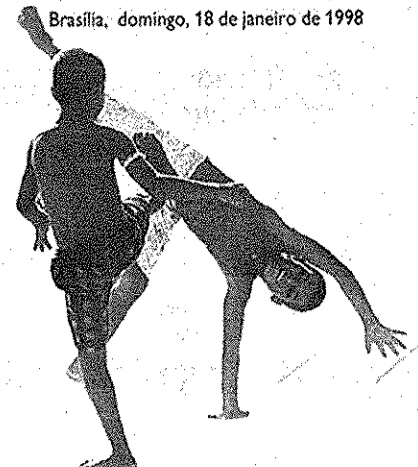
Na bibliografia escolar — exemplo, a História do Brasil de Francisco Teixeira — um mapa indica Porto Seguro como ponto da descoberta. A mesma coisa acontece no almanaque Abril de 1994.

A supremacia de Porto vale também para as solenidades dos 500 anos de descobrimento. Porto Seguro é o principal organizador. Na entrada da cidade, está sendo construído um enorme relógio, de 13 metros por oito de largura, patrocinado pela TV Globo. Fará contagem regressiva para a virada do milênio e para o aniversário dos 500 anos brasileiros. O milênio, no mínimo, vai começar no lugar errado.

CB
18/1/98 - 90cm
202

"Eram todos pardos e nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas... As moças bem novas e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas... Vinham todos rijamente sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram"

Pero Vaz Caminha



Berço do país vira reserva indígena com cara de favela

Coroa Vermelha é o nome do bairro de Cabralia que fica no lugar onde os portugueses desembarcaram e celebraram a Primeira Missa, no dia 26 de abril de 1500. É hoje uma reserva indígena que mistura camelôs e barracos sem esgoto nem água encanada. O cenário é de meninos pelados, barrigudos, castigados pela verminose.

Muitos ganham a vida vestindo-se com tangas e cocares para seduzir turistas com seu artesanato - um cocar de pagé chega a custar R\$ 110 se o potencial comprador tiver cara de estrangeiro, e o vendedor, lábia de bom comerciante.

Não é o caso de Messias Gomes, 41 anos, analfabeto, filho de uma índia com um branco. Mora em Coroa mas odeia artesanato. Desempregado, faz bicos de fotógrafo e divide a casa de madeira com a mulher e três crianças. Nenhuma delas estuda. A caçula Jamille, de dois anos, sofre com hérnia e vermes.

"Os remédios são caros", lamenta Messias, próximo ao único marco histórico de Coroa - uma cruz posta ali em 1973 pelo governo do presidente Médici.

Messias e sua família seguem os costumes dos vizinhos. Tomam banho e lavam as roupas no mesmo riacho em que despejam o esgoto dos banheiros improvisados em casinhas atrás dos barracos. "Não sei se passa doença. Passa?", pergunta o homem que também desconhece a data em que Pedro Álvares Cabral aportou nas vizinhanças de seu quintal.

"Faz muito tempo isso. Não me lembro", diz Messias, dono de quatro luxos domésticos: uma televisão preto e branco, um aparelho de som mixturca, um fogão de quatro bocas e uma geladeira azul - no dia 20 de dezembro passado, havia nela apenas uma lata de azeite e um pedaço de galinha.



Crianças de Coroa Vermelha: brincadeiras e banhos em riachos contaminados que correm como esgotos a céu aberto. Nas casas de palafitas, a falta de higiene faz aumentarem os casos de verminose

EXPULSAO

A aldeia Pataxó de Coroa tem dois mil moradores e, no ano passado, ganhou o status de área indígena com um território demarcado de 1.420 hectares. É ocupada por mil índios e o mesmo número de brancos. Não há discriminação nas condições de moradia. Todas são péssimas.

"É uma aldeia favelizada", admite José Augusto Sampaio, antropólogo e espécie de Deus para os indígenas dali. Foi Zé professor da Universidade Estadual da Bahia, quem coordenou o grupo técnico responsável pelo dimensionamento da reserva. O decreto que entrega definitivamente as terras para a Funai e transforma o lugar em área federal já foi assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso mas sua implantação ainda depende da burocracia de Brasília.

"Assim que estiver tudo pronto, quem não for índio terá que sair daqui", explica o antropólogo, agora também preocupado com os efeitos das comemorações dos 500 anos do Descobrimento em Coroa Vermelha.

Os organizadores dos festejos planejam passar um trator no punhado de malocas de palha feitas pelos índios na área central do ponto histórico, para vender artesanato. "Isso aqui será uma vitrine da festa. Tudo terá que ficar bonitinho. Nada do que hoje existe vai ficar de pé", reclama José Augusto.

Histórias que nem Cabral conhecia

"Boa tarde, desculpa incomodá-lo, seja bem-vindo a Cabralia. Meu nome é Sérgio, mas pode me chamar de Eddy Murphy, o príncipe das mulheres. Comigo de guia, você vai saber coisas que nem meu bisavô Cabral sabia. Vir a Cabralia e não pegar um guia é o mesmo que ir a Roma e não conhecer o Papa. A gente não cobra, você paga quanto quiser ou puder", diz, em exatos 12 segundos, Sérgio Costa Reis, 15 anos e um dos inúmeros guias mirins da cidade.

Todos, nesse ofício, repetem o mesmo discurso para qualquer pessoa que tenha cara ou jeito de turista. Se interrompidos, começam o relato do início. "É decorado mesmo. Por isso não existe nenhum guia melhor do que outro", diz o garoto, estudada de 5ª série. "Todos nós falamos a mesma história. Não sei se está certa ou errada. É a que meu irmão, ex-guia, me ensinou", diz o menino, filho de uma empregada doméstica, mãe de cinco adolescentes.

Há seis anos, Sérgio ajuda a família trabalhando como guia na parte alta de Cabralia, onde se concentram os três únicos monumen-

tos históricos da cidade. Deles, o garoto desfia detalhes pitorescos, falados sem pausa.

"Essa é a Igreja da Matriz, a quarta do Brasil. Seu telhado é de telhas tortas, são assim porque eram feitas nas coxas dos escravos", conta. Em seguida, aponta para uma casa branca e continua: "Aquele lá era a antiga Intendência, onde funcionava também a prisão de homens e mulheres. A parte dos homens era melhor porque tinha vista para o mar. A das mulheres, era pior, ficava num quarto fechado, escuro e sem janela".

Os guias mirins são os únicos guardiões do patrimônio histórico de Cabralia. Na cidade, não há museu nem arquivo público. O único assemblado fechou há dois anos. Era uma coleção privada de peças antigas, a maioria dos séculos XVIII e XIX, reunidas por Sebastião Belmonte, o Tião, dono de um dos maiores restaurantes do lugar e apaixonado por História.

"Fiz um museu público na minha casa com mais de 3 mil peças, mas ninguém na prefeitura me ajudava a preservar nem incentivava a visitação. Nem sequer os

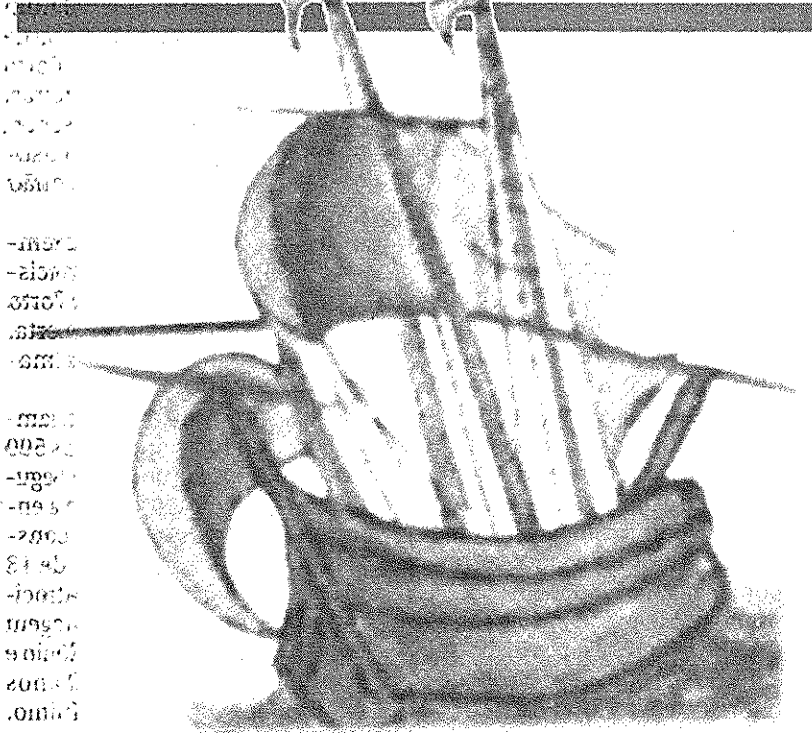
alunos das escolas públicas iam lá. Acabei fechando o museu, encaixotei as peças e agora vou jogar tudo no mar. Cansei!", desabafa Tião, que tampouco vai bem nos negócios. Seu restaurante, como tudo em Cabralia, anda vazio mesmo no verão. "Sabe por que Porto Seguro é cheio? Porque há estímulo ao turismo. Aqui não há nada", diz.

Se para o empresário Tião a vida em Cabralia anda difícil, que dirá a doméstica Benedita Oliveira? Sua casa, um barraco de palafita com dois cômodos, próximo ao centro da cidade, abriga 11 pessoas - oito crianças e três adultos, todos desempregados. "Quando chega dezembro, a gente fica na esperança de melhorar no verão, mas agora isso só acontece se formos para Porto Seguro. É o que vou fazer", diz Benedita, olhando para a geladeira vazia.

Na prefeitura, a explicação é uma só: não há dinheiro para investimento. "Não há, mesmo", insiste o prefeito de Cabralia, Geraldo Scaramussi, um capixaba que trocou o Espírito Santo pela política pefelista da Bahia.



Sérgio, o Eddy Murphy: guia mirim ajuda a preservar o patrimônio



OS DESCOBRIMENTOS

"E ao imenso e possível oceano/ ensinam estas quinças que aqui vês,/ que o mar com fim será grego ou romano:/ o mar sem fim é português", escreveu o poeta Fernando Pessoa, num preciso resumo da Era dos Descobrimentos.

A chegada ao Brasil é apenas um dos capítulos desse período histórico entre os séculos XV e XVI quando Portugal cruzou os mares e ampliou o mapa do planeta. Fez isso por absoluta necessidade de sobrevivência política e econômica numa Europa que acabara de trocar a Idade Média pelo mercantilismo - o império do comércio.

Reinavam as cidades-estado da península que hoje é a Itália. Tinham a seu favor a facilidade de

chegar através do mar Mediterrâneo até Constantinopla, antiga capital do Império Romano no Oriente e maior mercado de "especiarias" asiáticas - os temperos e conservantes de comida que valiam tanto quanto metais preciosos.

A hegemonia dos italianos e a posterior tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, empurraram os portugueses para o mar tenebroso, o Atlântico. Precisavam descobrir rotas marítimas que contornassem a África e permitissem a chegada até as Índias, a Meca comercial do Oriente. Vinha de lá a maior parte das especiarias que costumavam ser negociadas em Constantinopla.

Foi assim que Portugal investiu na navegação. Fundou a Escola de Sagres para desenvolver as artes náuticas e planejar novas expedições. A de Cabral foi apenas uma delas. Por 30 anos, entre 1500 e 1530, os portugueses pouco se importaram com o novo solo brasileiro - concentraram-se na Ásia, já que na terra dos índios tupiniquins não havia o que comprar nem o que vender. E, por três décadas, o Brasil foi apenas uma nota de pé de página no grande livro da expansão marítima portuguesa.

1488
O navegador português Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança, na África

1492
Cristovam Colombo, um genovês contratado pela Espanha chega às ilhas do Caribe, descobre a América e pensa ter chegado ao Oriente

1494
Portugal e Espanha assinam o Tratado de Tordesilhas e dividem, entre si, as terras que seriam descobertas

1498
Vasco da Gama, o maior navegador português, chega a Calicute, na Índia e, enfim, traça o novo caminho que liga a Europa ao Oriente.

1500
Pedro Álvares Cabral desembarca no Brasil em 22 de abril